

A possibilidade de pensar a filosofia na perspectiva da diferença: impregnando a formação de professores e experimentando o inédito

2

The possibility thinking philosophy in perspective of difference: impregnating teacher's formation and experiencing the new

Samuel Molina Schnorr*
Carla Gonçalves Rodrigues**

Resumo: Como a filosofia da diferença pode impregnar a formação de professores na contemporaneidade por intermédio de arranjos múltiplos, da disseminação de saberes diversos, dos encontros variados e das composições inéditas, a partir dos passeios urbanos? Eis a questão norteadora da escrita deste texto, iniciada na pesquisa-intervenção denominada “Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral”. Entendendo que os saberes estão sempre se transformando e se relacionando, objetivamos tecer tramas entre a filosofia da diferença, as ciências educativas e a arte contemporânea, a fim de realizar fissuras na maneira tradicional na qual estão sendo trabalhados os procedimentos formativos. Justifica-se a importância do texto ao considerar as tantas indicações sobre como ser e fazer – enquanto é uma demanda modulada por *experts* educacionais – acabando-se por perder a análise sobre as próprias condições de vida, ficando-se alheio ao poder de gerenciar a existência. O método cartográfico foi utilizado sugerindo uma investigação sobre o processo de produção dos dados. Trabalhar conceitos filosóficos, artísticos e educacionais possibilitou o enfrentamento do pensamento caótico acionado em função da experimentação de dispositivos singulares. Pode-se dizer que a intervenção proposta pulverizou a educação, através de experimentações no passeio urbano, possibilitando que conexões, na prática professoral, tenham se formado e territórios docentes desconstituídos ou reforçados. O inédito prevaleceu à repetição do mesmo. Por isso, aposta-se nesse modo educacional

* Mestrando pelo programa de pós-graduação em educação da UFPel. *E-mail:* schnorr_m@yahoo.com.br

** Doutora em Educação. Professora Adjunta na UFPel. *E-mail:* cgrm@ufpel.tche.br

que age no indivíduo, que faz acontecer alguma coisa com os sujeitos envolvidos. Não há escapatória. É condição sobre a qual o pensamento é colocado a pensar, exigindo uma didática que põe alguma coisa a funcionar.

Palavras-chave: Educação. Filosofia da diferença. Arte contemporânea. Formação de professores. Contemporaneidade.

Abstract: How philosophy of difference can impregnate the contemporary teacher training through multiple arrangements, spread of diverse knowledge, varied meetings and inedited compositions, from urban tours? This is the guiding question of this writing, which begun in the research-intervention called “Weaves and uses of urban ride: for a professorial aesthetic”. Understanding that knowledges are always transforming and relating, we aimed to weave plots between philosophy of difference, educational sciences and contemporary art in order to make cracks in the traditional way that the formative procedures have being worked. The importance of the text is justify when considering the several indications about how to be and do – while a demand created by educational experts – running out by losing the analysis of their own living conditions, staying far from the power to manage the existence. The cartographic method was use suggesting an investigation about the process of data production. Working philosophical, artistic and educational concepts enabled facing the chaotic thoughts triggered from experimentation of individual devices. We can say that the proposed intervention disseminated Education, through the trials in urban ride, allowing that connections in professorial practice have being form and teachers territories deconstructed or reinforced. The unprecedented won upon repeating the same. So, we bet in this educational mode, that operate on the individual, that make something happen with the subjects involved. There is no escape. It is a condition where the thought is put on thinking, requiring a teaching that puts something to work.

Keywords: Education. Philosophy of difference. Contemporary art. Teacher training. Contemporaneity.

Introdução

Este texto propõe que se pense a educação imersa e tramada no cenário da atualidade. Aqui a educação é tratada como um conjunto de processos pelos quais indivíduos se transformam ou são transformados por dispositivos culturais, elementos interdisciplinares, tanto da arte contemporânea como da filosofia da diferença. Nessa paisagem, situam-

se dúvidas no que tange à formação de professores atrelada à contemporaneidade e em consonância com a proposição aqui apresentada.

Como a filosofia da diferença pode impregnar a formação de professores na contemporaneidade por intermédio de arranjos múltiplos, da disseminação de saberes diversos, dos encontros variados e das composições inéditas, a partir dos passeios urbanos? Eis a questão norteadora da escrita deste texto, iniciada na pesquisa-intervenção denominada “Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral”, realizada durante o ano de 2011, pelo Núcleo UFPel do Projeto de Pesquisa “Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida”.¹

Pensando a história da filosofia, destacamos dois movimentos: o estruturalista e o pós-estruturalista. No primeiro, os conceitos abordados são concebidos como neutros e representam o real, o que leva a supor a existência de um elo natural entre a dimensão das coisas e a do pensamento. A realidade é dada e objetiva, e ao sujeito do conhecimento cabe desenvolver suas potencialidades e aprender no que está posto. Assim, a linguagem, considerada a principal manifestação exteriorizada pelo indivíduo, apenas revela o interior dos sujeitos, seus pensamentos e sentimentos. (FELIZOLA, 2009).

Entretanto, o movimento pós-estruturalista faz oposição às pretensões cientificistas e totalizantes do estruturalismo, embora partilhem e ampliem alguns de seus procedimentos. Dentre as problematizações, ressalta-se uma crítica radical ao sujeito humanista, autônomo e consciente, um questionamento da crença na razão e no progresso da ciência e uma recusa ao pensamento da representação da realidade que precede a linguagem que é considerada repressora da escrita. (PETERS, 2000).

Dentre os interlocutores do movimento pós-estruturalista, as quais abordam a diferença como linha filosófica, destacam-se: Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, Félix Guattari, Jacques Derrida e Michel Foucault.

¹ Edital 038/2010, da Capes/Inep, vinculado ao Observatório da Educação. O trabalho é coordenado pela Prof^ª. Sandra Mara Corazza, tendo como instituição-sede a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esse projeto também desenvolve pesquisa em mais dois núcleos de diferentes universidades do País: a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) por meio de Oficinas de Escrileituras na Educação Básica e no Ensino Superior. (CORAZZA, 2011).

A filosofia da diferença tem interesse pela diversidade, pluralidade e singularidade. Pode ser caracterizada pela interdisciplinaridade e por novos modos de perceber o que é sujeito e o que é objeto. Entende que as ciências estão sempre se transformando e se relacionando e, por isso, tanto o sujeito quanto o objeto do conhecimento são construções – ou criações, ao contrário de uma filosofia baseada numa ideia universal e numa totalidade que contém partes isoladas, de acordo com o movimento estruturalista.

Para Deleuze (1998), trata-se de uma nova utilização da história da filosofia – em contraste com o já usado – segundo a qual o pensamento pode receber acréscimos, servindo-se das renovações presentes nas artes e na ciência. Assim, o trabalho do aprendiz não seria propriamente o da contemplação, do já criado no pensamento, mas o da invenção, em que a história da filosofia, sem ser a reprodução da própria filosofia, desempenha um papel semelhante ao da colagem em pintura, isto é, a produção de algo inédito a partir do que já existe.

A concepção aqui adotada de educação e formação de professores está diretamente ligada ao conceito de diferença cunhado por Deleuze (1998). O filósofo exalta e reivindica a diferença em si: o diferenciar-se da própria coisa, e desloca os significados a ela comumente atribuídos, rompendo com a ideia de negação relativa a uma dada identidade que tenta reduzir a diversidade a um elemento comum. Deleuze (1998) prefere a variação, a multiplicidade e o inédito. Por isso, afirma sua concepção de diferença não como uma característica relativamente geral a serviço da variabilidade do conceito, mas como puro acontecimento.

Assim, pode-se problematizar, por meio do pensamento da diferença, muitas estruturas preconcebidas que pertencem à educação como a organização escolar, que é penetrada por relações de poder e dominação, refletidas em sua cultura e nos saberes que a alimentam, que, por vezes, são ambíguos, distantes da vida cotidiana, que dependem quase exclusivamente da comunicação escrita e se adaptam mais comumente a procedimentos de avaliação formal. Os critérios de legitimação e hierarquização presentes na sociedade prevalecem na organização escolar, indicando um sistema educacional enraizado numa sociedade estruturada por relações sociais desiguais, com consequências profundas no rendimento escolar e nas manifestações que a partir daí se desvelam. (VALLE, 2008).

Nessa perspectiva, a instituição social escolar é tensionada por meio das relações de poder, cultura e formas de ensino estabelecidas ao imprimir ideias, crenças e valores como fontes de verdades propagadoras de discursos segmentadores e engessadores. A escola, sendo uma estrutura com função determinada, tenta tornar-se um espaço fechado e vigiado, em que os sujeitos da educação e seus corpos estão sendo controlados. Exercer pressão constante sobre os professores para que todos façam as tarefas, respeitem as normas e cumpram metas e prazos é parte de um sistema punitivo com função normalizadora. (FOUCAULT, 1977). O normal se estabelece como princípio de repetição do mesmo e com ele o poder de regulamentação, suprimindo o novo, a experimentação, a criação.

Aqui não se deseja colocar no professor a culpa pela totalidade do fato, nem exigir dele atuação principal em um esquete que possui vários atores. Aposta-se nas possibilidades de alteração desse quadro com a intervenção na formação docente, inicialmente entendendo a educação e a formação de professores como passagem do não saber ao saber, assim como diz Deleuze (1998), desconstruindo a lógica positivista sem objetivar a forma(ta)ção de indivíduos, mas favorecendo a produção de singularidades. Não se trata de inventar conhecimento sobre a diferença, mas de favorecer as singularidades e uma educação focada em sua trajetória no hibridismo.

Pensar multiplicidades implica analisar as diversidades existentes no mundo pulsante, que cria a todo momento uma nova direção para o pensamento e os conceitos. Assim, as diferenças nos levam a problematizar diversos fatores dentro do processo educacional, já que esse é um campo imanente e amplo. A formação de professores pode ser concebida, neste texto, como uma forma de conversão daquilo que é, como aponta Nietzsche (2009, p. 7): “Nós, que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios, somos de nós mesmos desconhecidos.” Os conhecimentos gerados através da filosofia da diferença nos instigam a pensar sobre a prática professoral, seus processos de subjetivação ou, ainda, como diria Foucault (1995), a pensar no que nos tornamos.

Procedimentos da pesquisa-intervenção

“Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral”, pesquisa-intervenção voltada à formação docente, propôs uma oficina

de *escrileitura*, realizada durante o mês de julho de 2011, na Faculdade de Educação da UFPel. Oferecida durante os turnos manhã e tarde, totalizando uma carga horária de 40 horas, a oficina serviu como elemento analítico da pesquisa-intervenção de mesmo nome. O termo *oficina* adotado aqui não representa um local para execução de consertos ou retificações, mas a concepção de um lugar em que se exerce algum ofício. Com tal investigação-ação, pretende-se articular o passeio urbano com a utilização de mídias contemporâneas de uso doméstico, aquele fomentado pela trama curricular de expressões estéticas atuais e conceitos da filosofia da diferença, de Deleuze e Guattari, almejando criar microrrachaduras na formação atual de professores.

Por que tramar conceitos filosóficos com práticas estéticas na formação docente? Acredita-se que dispositivos filosóficos e artísticos permitem colocar em movimento alguma renovação das formas educacionais. Através da relação inicial de vizinhança entre termos heterogêneos e independentes, tanto da filosofia da diferença como da arte contemporânea, é possível produzir singularidades includentes de novas subjetividades relativas a uma professoralidade.

Dentre as múltiplas opções metodológicas existentes e utilizadas nas investigações educacionais, optou-se por trabalhar com a cartografia. Quando se pretende investigar teoricamente o campo subjetivo, os territórios de constituição de uma dada professoralidade, há que se considerar, além dos planos visíveis, seus planos invisíveis de formação, dando a ver os processos de ensaio e invenção de uma individuação.

Outro aspecto relevante, que leva à opção por esse procedimento, é que ele se constitui na interlocução entre as distintas áreas do saber, intenção em destaque tida como propósito a partir da pesquisa que fomenta este texto, especificamente, na conjugação das ciências educativas com a arte e a filosofia, considerando-se essa uma forma rizomática de produzir conhecimentos. O rizoma é um dos princípios cartográficos, figura possível do pensamento, que se forma no entrecruzamento de vetores² que não obedecem a relações subordinadas ou hierárquicas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

² Com sustentação na Física, podemos pensar o vetor como uma força com direção e sentido orientados, sendo produtor de afecções (ação de afetar) naqueles aos quais está sendo dirigido.

Dependendo do tipo de agenciamento realizado, alterações em toda uma corporeidade são produzidas. Tais alterações auxiliam no arranjo potente de variadas coisas e ideias. Novas imagens do pensamento são elaboradas, e outras imagens são articuladas por meio da conjugação realizada, colaborando na construção de sentidos, de diferentes formas de expressão e de conteúdo com aquilo que foi capturado pelos signos por elas emitidos.

O método cartográfico foi utilizado como metodologia de pesquisa, oriundo do conceito filosófico cunhado por Deleuze e Guattari (1995) que, de maneira geral, sugere-o como uma investigação sobre o processo da sua própria produção. Nesse caso, interessam os modos de formação de professores, incluindo seu campo subjetivo. Não menos do que isso, a cartografia permite o acesso àquilo que força o pensamento, favorecendo o registro de acontecimentos que não se apresentam (em primeiro plano) ao pesquisador, visto que se considera um trabalho cartográfico menos informativo e, mais, um contar sobre aquilo que se passa no sujeito da experiência. Isto é, o ato de investigar ocupa-se da narrativa de dentro da experiência vivida, construindo um mapa dos saberes daí advindos. Com isso, articula-se o método com as intenções da indagação, bem como com questões dessa atualidade.

Estiveram presentes na intervenção pedagógica 13 pessoas, vindas das mais diversas áreas do conhecimento (Pedagogia, Filosofia, História, Biologia, Matemática, Ciências Sociais, Arquitetura, Engenharia Agrária, Artes, Geografia e Serviço Social). Tinham como maior objetivo a qualificação já que futuros e atuais docentes. No primeiro momento da oficina, foi disponibilizada, para cada participante, uma caderneta de anotações.

A referida caderneta demonstrou ser uma aliada ao registro da experiência vivida em trama com a construção dos conhecimentos obtidos durante o trabalho. A constante escrita acerca de pensamentos, sensações, inquietações, dúvidas, certezas abaladas e percepções não era um hábito comum aos pesquisadores. Porém, os incentivos que moveram o registro foram essenciais para inaugurar a experimentação e o uso do método em questão. Aí foram cartografadas leituras realizadas da cidade de Pelotas e procedimentos utilizados na elaboração de um vídeo. Munidos de câmeras digitais e máquinas fotográficas, durante as saídas de campo, feitas através de caminhadas, passeios de ônibus e de barco, osicineiros

coletaram imagens, capturando signos presentes no cotidiano. Para a montagem do vídeo, utilizaram *a posteriori* o programa *movie maker*.³

O programa teórico deteve-se nas seguintes ações: estudo de textos da filosofia da diferença, de obras literárias e poéticas; entrevistas com artistas e cientistas; leituras comentadas; leituras dirigidas; debates; projeções em DVD de documentários, vídeos e imagens de práticas artísticas contemporâneas; e exercícios ensaísticos de escrita (entre filosofia e literatura), articulados a outros modos de expressão próprios do campo de elaboração de vídeos.

A leitura do Abecedário de Deleuze⁴ foi potente para a oferta de conceitos filosóficos norteadores da construção de referências reais vitais, com as quais se pode vir a construir territórios de existência na prática docente. O *A* de *animal* foi a primeira letra selecionada para o trabalho com a ideia de desenvolvimento de uma postura professoral de estar à espreita, de ser promotora de encontros e acontecimentos, tal qual o carrapato, citado por Deleuze e Parnet (1997). *L* de *literatura*⁵ e *S* de *estilo* favoreceram inéditos movimentos de agenciamentos no que tange à escrita, possíveis de serem observados no vídeo cartográfico.

Dessa entrevista concedida a Parnet, veiculada na televisão após a morte de Deleuze, ainda foram utilizadas as letras *I* de *ideia*⁶ e *Q* de *questão/problema*⁷ como fomentadoras do processo de criação dos cartógrafos, adotando-se como máxima a afirmação de que “criar é resistir”, como ensinam o filósofo (DELEUZE; PARNET, 1997), liberando a vida das prisões às quais nos submetemos. Dos materiais capturados

³ Software básico de edição de vídeos, incluindo imagem e som, com suporte de alta definição.
⁴ Disponível em vídeo (<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?page_id=734>), assim como em texto (<http://www.4shared.com/file/143759869/ff441eec/Deleuze_abecedario_integral.html>) na internet.
⁵ Nessa letra é possível encontrar as ideias deleuzianas de *conceito*, *percepto*, *literatura menor*, bem como *crítica* e *clínica* que com *estilo* formaram um conjunto com muita força para rachar os modos de escrita até então efetuados pelos oficineiros.
⁶ *I* de *ideia* favoreceu a compreensão de que uma ideia não nasce pronta; ela vai e volta, afasta-se, pode escapar, toma diversas formas. Ela não chega inteira, pode faltar uma parte, vem de partes diferentes, diferentemente do que Platão defendia como aquilo que é, que se opõe ao falso, sendo plenamente visível pela razão.
⁷ A concepção de problema, para Deleuze, diferencia-se do exercício de interrogar. A segunda ampara-se em significados universais ou em opiniões, e a primeira está em relação com a concretude e as circunstâncias de uma experiência. Essa virada conceitual colaborou para a constituição de aberturas para o tido como familiar ou inabitual, especialmente durante as saídas de campo para capturar imagens e produzir escritas.

na internet,⁸ destaca-se a conferência realizada por Deleuze denominada “O ato de criação”, também evidenciando a relação entre criação e resistência.

Os trabalhos de Lygia Clark⁹ e Orlan,¹⁰ com suas artes no corpo; Francis Alÿs,¹¹ na proposição do passeio urbano na cidade do México; Samuel Beckett, na utilização de uma escrita que foge da estrutura do uso da língua culta em *Como é* (BECKETT, 2003) e Agnès Varda com as invenções filmicas tidas como cartográficas em *As praias* (VARDA, 2008) foram os intercessores advindos da arte contemporânea sendo colocados em relação com os conceitos filosóficos estudados. O uso entrelaçado de saberes da arte e da filosofia, durante as aulas teóricas para fomentar a educação, mais especificamente a formação de professores, possibilitou, conforme afirmam Deleuze e Guattari (1992), o enfrentamento do pensamento caótico no ato de criação do vídeo, em um mergulho na busca de elementos para que seja possível construir planos de realidade circunstancializados.

Inicialmente, pode parecer difícil tramar os elementos de um conjunto não homogêneo. Aparenta obscuro fazer com que funcionem juntos, quando eles deixam de exercer um desenvolvimento organizado e harmonioso capaz de abalar a forma anteriormente tida como essencial. Para tal, é necessário deslocar um centro de gravidade sobre uma linha abstrata: eis aqui a ideia de agenciamento maquínico, cunhada por Deleuze e Parnet (1998) em *Diálogos*.

Segundo Deleuze e Parnet (1998), existem máquinas que *abrem sucessivos e novos* agenciamentos, liberando partículas, produzindo singularidades, gerando encontros inesperados e inexplicáveis. E há aquelas que *fecham* agenciamentos, realizando totalizações, homogeneizações, estratos classificatórios. Tudo vai depender da potência desejanse do campo subjetivo professoral em que se elaboram as conjugações de matérias e da capacidade de abertura para o sensível do indivíduo experimentador.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GYGbl5tyi-E&list=PL28F6619A4466292C>>.

⁹ Disponível em: <www.lygiac Clark.org.br>.

¹⁰ Disponível em: <www.orlan.eu>.

¹¹ Disponível em: <www.francisalys.com>.

As aulas teóricas foram importantes para que cada sujeito participante da oficina fosse construindo sua compreensão sobre o método cartográfico, ao mesmo tempo que o utilizava. Entretanto, durante os passeios, um olhar diferenciado, uma experimentação e outros modos de ler provocaram a abertura para o inesperado, permitindo que conexões fossem formadas, territórios desconstituídos ou reforçados, fazendo com que o exercício do pensamento pudesse transparecer nos vídeos e no registro escrito.

Dos dispositivos aí reunidos, acredita-se que há alguma força para tensionarem o desejo, o que passa nos modos de sentir, agir e pensar. É isso que se procura demonstrar a seguir. Muita coisa indica que a rachadura, por eles realizada, na organização essencial que constitui suas matérias, opera nas formas constitutivas de um sujeito em que sua experiência produz efeitos no corpo, em que algo transita necessariamente na superfície de sua substância física.

No último dia da oficina, durante a mostra dos vídeos, notou-se que cada oficinheiro conseguiu desenvolver vídeos com um caráter metodológico cartográfico, apresentando, mais fortemente em alguns casos, em outros, nem tanto, uma perspectiva diferenciada daquilo que até então era perceptível aos seus olhos. Os registros escritos e as imagens estiveram prioritariamente relacionados aos interesses da área originária de estudo do cartógrafo, justificando o fato de que somente aquilo que nos interessa, nos provoca e aguça nossa curiosidade, irá gerar uma necessidade que será suprida por meio do conhecimento. (LARROSA, 2002).

Relações da filosofia da diferença na formação de professores

Acredita-se que dispositivos artísticos e filosóficos permitem colocar em movimento alguma renovação das formas educacionais. Através da relação inicial de vizinhança entre termos heterogêneos e independentes, tanto da arte contemporânea como da filosofia da diferença, é possível produzir singularidades includentes da constituição de novas subjetividades relativas a uma professoralidade. (PAULO; ALMEIDA, 2008).

Trabalhar conceitos da filosofia da diferença entrelaçados com as ciências educacionais e a arte contemporânea – com foco nos processos de formação de professores – possibilitou aos oficinheiros o enfrentamento do pensamento caótico acionado em função da experimentação do inédito

até então, mantendo-se à espreita para construir outros planos de realidade. Deleuze e Guattari (1992) nomeiam três áreas do conhecimento capazes de acionar o pensamento: a arte, a filosofia e a ciência, que se cruzam, se entrelaçam, mas sem síntese nem identificação. A *arte* compõe monumentos com as suas sensações; a *filosofia* faz surgir acontecimentos com os seus conceitos; e a *ciência* constrói estados de coisas com as suas funções.

Pulula a questão: Quais elementos permitiram avanços na formação desses professores? Como isso foi possível? Por meio da transcrição realizada na articulação de campos do saber (arte e filosofia), fora da própria linguagem educacional. A criação de outro plano de imanência aconteceu em função das condições didáticas de possibilidades criadas: experimentação de variadas linguagens; espaço-tempo para conversação e estudos; escrita do processo subjetivo nas cadernetas de campo; vivência coletiva potente para a composição de território existencial, além da individualidade, junto com as intensidades verbais reunidas nas *escrileituras* utilizadas no vídeo como expressão de um desejo de potência de vida na docência.

Operando por perceptos e afetos, os signos engendram novas maneiras de perceber, potencializando o que pode ser sentido, desejado; portanto, produzindo mudanças no saber-fazer. Não menos importante foi a proposição de destituição de marcadores de poder nos modos de se tornar professor, tais como o uso de textos clássicos da pedagogia, o espaço da sala de aula, a docilidade do corpo “aprendiz” e a constante transmissão de informações pelo formador. Mais do que isso, apostou-se na escrita e na leitura de uma existência.

Para Deleuze e Parnet (1997), é por esse motivo que se deve tratar um livro filosófico como se escuta um disco, como se vê um filme, como se recebe uma canção – qualquer tratamento do livro que reclamasse para ele um respeito especial, uma atenção de outro tipo vem de outra época e o condena definitivamente, porque nele não há o que compreender, mas em que se envolver. O que se deseja é que a aprendizagem do pensamento sirva menos de exercício de verdades comuns a todos e passe a investir muito mais na multiplicidade das abordagens e nas criações, de modo que propostas inusitadas surjam e liberem as forças do pensamento.

A utilização de mídias contemporâneas proporcionou aos participantes o contato com tecnologias que transparecem a realidade

da sala de aula na atualidade e que, por vezes, são suprimidas pelo desconforto apresentado por alguns professores que não sabem mesclá-las com o conteúdo estudado. A oficina indicou, como exemplo, a possibilidade de um professor utilizar o celular em sala de aula como ferramenta para auxiliar no estudo de um conceito, ativando dispositivos que tornem a aprendizagem um processo de criação tanto subjetiva como de saberes inéditos.

A filosofia da diferença possibilitou privilegiar a mobilidade do que acontece no dia a dia dos professores, como constantes aprendizes, sendo que, através da experimentação, é que se pode obter a consistência dos saberes em movimentos de criação. Assim, as diferenças vêm inquietar, instigar, se misturar com o desconhecido, com o não vivido, para que se produza algo novo, singular: a própria diferença, ou seja, as singularidades.

Conclusão

Se, em um primeiro momento do texto, foi dito que se queria enfrentar questões suscitadas pela experiência vivida de formar professores na contemporaneidade, com a oficina “Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral”, delinea-se, então, alguma saída a partir de recursos conceituais advindos de paradigmas vigentes na educação, sem se ater dogmaticamente a nenhum deles, contudo, tramando recursos de outras áreas do conhecimento, tais como a filosofia da diferença e a arte contemporânea. Respirar, alimentar, gozar com o pensamento produzido em outros campos.

Por ora, pode-se concluir que é possível, conforme afirma Deleuze e Parnet (1997), sair da educação pela educação, tecendo tramas entre a filosofia, as ciências educativas e a arte contemporânea, a fim de realizar microrrachaduras na maneira como está sendo trabalhada atualmente. Nesta pesquisa, destaca-se, através do passeio urbano, a forma de potencializar o inédito para o oficineiro.

Ao trabalhar com professores em formação, importa mais a subjetividade do envolvimento e menos o alcance de determinada identidade previamente definida por habilidades a serem desenvolvidas. A filosofia da diferença faz ressonar encontros e agenciamentos inéditos que, nessa intervenção oficineira, de maneira alguma, minimizou a estrutura educacional assim constituída, mas sim – e com força – colocou

a vazar a inquietude, o caos, o puro acontecimento na contemporaneidade rizomática e multiplicadora de sentidos, trabalhos em territórios existenciais docentes.

Revolvendo a dúvida inicial: Como a filosofia da diferença pode impregnar a formação de professores na contemporaneidade por intermédio de um território de multiplicidades de todos os tipos, da disseminação de saberes diversos, dos encontros variados e das composições caóticas, a partir dos passeios urbanos?, ensaiamos uma resposta para o questionamento: pode-se dizer que a filosofia da diferença pulverizou a formação de professores, através de experimentações no passeio urbano, possibilitando que conexões tenham se formado e os territórios desconstituídos ou reforçados. O inédito prevaleceu à repetição do mesmo, colocando a vazar diferentes acontecimentos na contemporaneidade por intermédio das multiplicidades encontradas nesse território.

Referências

BECKETT, Samuel. *Como é*. Tradução e posfácio de Ana Helena Souza. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CORAZZA, S. M. *Projeto pesquisa observatório de educação 2010*. Disponível em: <<http://difobservatorio2010.blogspot.com>>. Acesso em: 6 ago. 2011.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, "TV Escola", 2011. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

_____. *Diálogos*. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 2.

FELIZOLA, Maria Merlin. *Lacan e o estruturalismo*. São Carlos: Ed. da UFSCar, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LARROSA, Javier. *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAULO, Thais Sarmanho; ALMEIDA, Sandra Francesca C. de. Formação de professores: subjetividade e práticas docentes. In: _____. *Formação de profissionais e a criança-sujeito*. São Paulo, 2008. v. 7. *Proceedings online...* Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032008000100084&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 20 nov. 2013.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VALLE, Ione Ribeiro. O lugar dos saberes escolares na sociologia brasileira da educação. *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 1, p. 94-108, jan./jun. 2008.

VARDA, A. *Les plages d'Agnès*, França, 2008, 110 min.

Submetido em 23 de novembro de 2013.

Aprovado em 14 de julho de 2014.